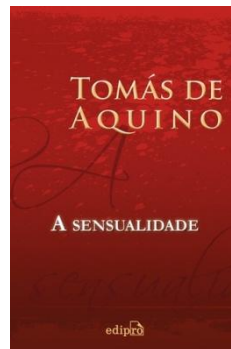


TOMÁS DE AQUINO. *A Sensualidade*. Edição, tradução e notas de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. São Paulo: Edipro, 2015. 100 páginas. ISBN: 978-85-7283-915-0

Por Paulo Faitanin¹



A Editora *Edipro*, em parceria com o Instituto Aquinate, lançou o *A Sensualidade*, questão 25 do *De veritate* de Tomás de Aquino. Esta tradução faz parte de um projeto que pretende publicar diversas obras inéditas em português do *De veritate* do Aquinate, de modo a contribuir para a difusão do pensamento de Tomás no Brasil. A tradução e edição foram feitas por Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. É uma edição monolíngue, o que possibilita a maior difusão por um preço menor, com um material de qualidade.

O principal diferencial desta tradução na língua portuguesa foi o método de cotejamento desta tradução com outras editadas em outros idiomas, procurando assim uma melhor tradução para determinados termos técnicos. A versão latina utilizada foi a do *Corpus Thomisticum*, mas sempre tendo em conta a edição Leonina e outras, para soluções terminológicas.

Nesta questão, o Aquinate investiga a sensualidade. De fato, a tradução do termo *sensualitas* para o português implica certa dubiedade. A ‘sensualidade’ usualmente em português é tomada no campo semântico de volúpia, certa excitação ou mesmo inclinação aos prazeres materiais. Porém, em Tomás, o termo se aproxima mais da noção de ‘sensibilidade’, apesar de existir um termo latino melhor correspondente a esse termo: *sensibilitas*. Contudo, o uso do termo sensualidade, além de ser mais literal com o seu original correspondente, denota que o aspecto sensível humano não está necessariamente em harmonia com a razão, em função de certa corrupção dos apetites sensitivos humanos, fruto do pecado original.

¹ Professor Associado de Filosofia Medieval do Departamento de Filosofia da UFF.

Deve-se considerar que para Tomás a sensualidade é uma potência apetitiva sensitiva, isto é, ela se diverge da vontade, enquanto esta é uma potência apetitiva intelectual. A primeira potência se inclina aos objetos sensíveis, o que leva consigo certa paixão corporal, enquanto a segunda se inclina ao bem apresentado pela razão.

A sensualidade pode ser dividida em duas potências, o irascível e o concupiscível. Ambos se inclinam a objetos sensíveis, mas de modos diferentes. O primeiro se inclina aos objetos árduos, que precisam de maior estímulo e impulso para ser buscado; o segundo se inclina a objetos diretos que podem ser atingidos com maior facilidade.

Por não ser movida diretamente por um bem intelectual, a gravidade das suas ações é menor do que a da vontade. Em certo sentido, quando há um consentimento da vontade sobre uma moção relativa a um objeto da sensualidade, não é propriamente a sensualidade que produz a gravidade, mas apenas origina a inclinação a tal bem. De maneira que na vontade se encontra, ao consentir com um ato desordenado, uma gravidade maior, enquanto na estrita sensualidade, sem pleno consentimento, há menor gravidade para uma ação moral ruim, pela imperfeição do voluntário.

Convém, assim, que ela seja conduzida pela razão, de modo que toda percepção sensível seja ordenada e possa aos poucos já se conformar com ela. Dessa forma as paixões que se seguem no apetite inferior, ao seguirem com facilidade a vontade, contribuem para a bondade da ação. Aquele que ainda atua fazendo objetivamente uma ação boa, mas lutando consigo mesmo, como o continente, não tem o seu apetite inferior ordenado, porque está apenas intelectualmente convencido do valor da sua ação e não pelo apetite, que não foi habituado o suficiente para agir conforme a virtude.